



JN alta performance: edição de primeiro de janeiro de 2011¹

Lilian Muneiro²

Ariadna Stralio³

Merilyn Escobar de Oliveira⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Bom Jesus/Ielusc, Joinville, SC.

Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP.

RESUMO

A edição de primeiro de janeiro de 2011 do *Jornal Nacional* foi considerada histórica por dois grandes motivos: a celebração do novo ano e, principalmente, pela posse de Dilma Rousseff à presidência do Brasil. Nesse sentido, o telejornal explorou, em consonância ao projeto editorial adotado, o ingresso da primeira mulher ao cargo político mais expressivo e disputado do País, a despedida do ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva - e, ao mesmo tempo, a própria mecânica do jornalismo em realizar seu trabalho, em cobrir o fato político. Este artigo tem sua investigação centrada na narratividade apresentada pelo jornal, diante da tentativa de (re)contar ao telespectador como foi a posse de Dilma e na performance jornalística, anunciada pelo próprio telejornal em torno da presença dos profissionais da televisão para que tal cobertura pudesse ser realizada e propalada de modo exitoso.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; televisão; narratividade; Jornal Nacional.

Centrados em análises sobre o comportamento político e a cobertura da mídia nas campanhas eleitorais, os estudiosos da área de comunicação e política, destacam o processo eleitoral como o evento midiático por excelência. Dado o seu valor jornalístico e a sua importância para o país, costuma-se enfatizar variáveis como a avaliação da popularidade dos candidatos, a disputa eleitoral em si, o debate entre os candidatos e a campanha eleitoral.

Sabe-se que o texto jornalístico inicia com base em uma pauta, que pode ser entendida como um instrumento norteador do trabalho do repórter, que vai elaborar sua matéria tendo em vista a linha editorial, o público, as perspectivas a serem investigadas,

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Lilian Muneiro. Doutora em Comunicação e Semiótica, professora da UFRN e pesquisadora do grupo ESPACC, PUC/SP. Email: lilianmuneiro@gmail.com

³ Ariadna Stralio. Graduada em Jornalismo pelo Bom Jesus/ Ielusc. Email: ariadnastralio@gmail.com

⁴ Merilyn Escobar de Oliveira. Mestre em Ciências Sociais pela PUC/SP. Email: merilynescobar@yahoo.com.br



as fontes sugeridas e consultadas, o suporte de comunicação que será veiculado e suas características. Neste processo, o material jornalístico é editado de modo estratégico, aliando texto e imagem, para serem veiculados com objetivo não só de apresentar e unir os diversos ângulos de um fato ou tema, mas projetar ao telespectador a sensação de partícipe da notícia, como veremos no decorrer desta comunicação.

A cobertura do telejornal de grande visibilidade e popularidade do *Jornal Nacional* (Rede Globo de Televisão) sobre a posse da Presidente Dilma Rousseff (Partido dos Trabalhadores), aponta para aspectos relevantes da interface entre mídia e política, e, o papel do texto e do fazer jornalístico na construção do fato político. A análise conjunta do discurso, abordagens, imagens e enquadramentos presentes no evento “posse presidencial” constituirão nosso material de estudo, porém, dedicamos algumas linhas para entender a importância do *Jornal Nacional* e da televisão para uma parcela representativa da população brasileira.

O *Jornal Nacional* foi veiculado desde o dia primeiro de setembro de 1969, quatro anos depois da Rede Globo ter iniciado suas atividades. Teve como atribuição/peso a missão de cobrir os fatos mais importantes do País e, conseqüentemente, veiculá-los. A grade de programação da emissora inseriu o telejornal entre duas telenovelas, programas que se originaram das radionovelas e que caíram no gosto popular ao mostrar imagem em movimento e também revelar a face de vozes conhecidas. Em pouco tempo o programa jornalístico tornou-se líder de audiência e, embora os índices tenham registrado queda, ainda constitui-se no telejornal de maior audiência da televisão brasileira. Em 2010, o JN registrou índice de 24% de queda no Ibope em relação a 2000, quando a média de audiência era de 39,2 pontos. No ano de 2010, o Ibope do JN registrou média de 29,8 pontos⁵.

Cabe ressaltar a importância da televisão na vida dos brasileiros como diversão, fonte de informação e também como formadora de opinião⁶. Kerckhove (1997)⁷ ao

⁵ A queda é mensurada em pontos de audiência, sendo que cada ponto equivale a uma média de 55 mil domicílios com televisores sintonizados na Globo na região da grande São Paulo. É preciso levar em conta que a metodologia de pesquisa do Ibope mudou desde 2000. Em 2001, por exemplo, cada ponto de Ibope equivalia a cerca de 40 mil domicílios sintonizados, enquanto hoje, como já dito, cada ponto vale por 55 mil. Com essa perspectiva, os 39,2 pontos obtidos em 2000 - 1,56 milhões de casas na grande São Paulo - não diferem muito dos 28,8 pontos de 2010, ou seja, 1,58 milhões de casas sintonizadas na região metropolitana paulista.

⁶ Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE - 2009), em 2008, a televisão estava presente em 95,1% dos domicílios brasileiros.

⁷ Em *Na pele da Cultura*, Kerckhove (1997), quando aborda o imaginário na TV, vale-se da pesquisa e da participação em uma das experiências, promovidas pelos pesquisadores Steven e Rob Kliner, que comprovaram a influência da televisão, sobre o corpo humano, ser maior do que se imaginava até então.



escrever sobre o poder do aparelho de televisão, diz que o telespectador teria o papel de complementar as imagens exibidas, fazendo generalizações a partir de algumas pistas. Acrescenta que “ao mesmo tempo programadores e montadores aprenderam a aproveitar a nossa prontidão em preencher as brechas. Isto não implica que estejamos a fazer sentido, estamos apenas a fazer imagens” (Kerckhove, 1997, p. 48). Fazer imagens, a partir do que o autor nos coloca, somado às constantes pesquisas de audiência, revela que, ao telespectador, foi delegada outra função que ultrapassa seu papel de fazer imagem, para construir o sentido do que se enuncia.

Kerckhove, admite que a televisão atua inconscientemente sobre o receptor, levando-o a adaptar-se ao que é periodicamente exibido. Isso explicaria o hábito de modelar o cotidiano (de parcela significativa da população) a determinados discursos e comportamentos pautados pela mídia, o que viria a se confirmar através de um modelo mercadológico dominado pela indústria cultural. (MUNEIRO, 2010, pg. 115).

Há mais de 40 anos o telejornal inicia justamente no horário em que boa parte dos brasileiros já chegou do trabalho, está em casa, reunido com a família, possivelmente jantando. O *Jornal Nacional* já foi conhecido como o “jornal das oito”. Há um tempo o telejornal passou a ser chamado pelos seus apresentadores como *JN*, e arriscamos dizer, existe uma tentativa de tirar a conotação oficial do nome e de desvinculá-lo do horário que já não é mais exibido, já que, atualmente, o telejornal inicia mais tarde, pouco depois das 20h e 30 min. Percebe-se, com a alteração do horário, que há um modelar do cotidiano em torno da programação disponibilizada pela emissora em ajustar horários para garantir audiência, tendo em vista outros programas e também o horário de verão que acaba alterando a rotina de boa parte dos brasileiros.

Primeiro de janeiro de 2011

As “chamadas” dos telejornais podem ser interpretadas como síntese das principais notícias selecionadas ao telespectador. De modo geral são apresentadas de forma convidativa, que tensionam a fazer com que o telespectador permaneça diante do aparelho televisivo e acompanhe o material a ser exibido, garantindo a tão desejada audiência durante o tempo em que o telejornal está no ar. O *Jornal Nacional* acompanha este padrão.

A experiência consistiu na exibição de imagens, de quadros elaborados por tempo determinado, durante 20 minutos, que registravam alterações corporais através do emprego de sensores e de um computador. O autor também se valeu dos estudos empreendidos por McLuhan, ao dizer que a TV não produz ao nível do conteúdo, mas ao do próprio meio.

Entretanto, no primeiro programa deste ano, a “chamada” do *JN* foi elaborada com muito mais requinte. Numa leitura preliminar e superficial poderíamos dizer que o *Jornal Nacional*, edição de primeiro de janeiro de 2011, dedicou boa parte do tempo de exibição a cobertura do tão esperado evento político, a posse da primeira mulher eleita presidente, Dilma Rousseff, sucessora de Luiz Inácio Lula da Silva, político de grande aprovação popular. Entretanto, a referida edição iniciou estrategicamente com uma seqüência de imagens que, momentaneamente, substituíram a vinheta de abertura do programa e ajudaram a narrar a posse da Presidente ao som da trilha musical que caracteriza o telejornal⁸.

A jornalista Fátima Bernardes, na bancada do telejornal, iniciou noticiando a data “primeiro de janeiro de 2011”. A segunda chamada foi feita por Willian Bonner, fora do estúdio: “Uma mulher assume a presidência do Brasil”. A imagem seguinte confirma a declaração proferida e a fala de Bonner reitera a cena: “Dilma Rousseff recebe de Lula a faixa conquistada com quase 56 milhões de votos. O *Jornal Nacional* mostra os momentos marcantes de um dia histórico” .

A escalada da edição do *JN* avançou com a maioria das manchetes voltada ao primeiro dia da presidente eleita. Bonner seguiu: “A chuva impede o trajeto entre a Esplanada dos Ministérios e o Planalto em carro aberto”. As cenas mostram o percurso em carros fechados e o tempo nublado. “No Congresso, o juramento na cerimônia da posse”, resume Bonner. Em seguida, a imagem de Dilma em seu primeiro discurso: “Prometo manter, cumprir e defender a Constituição; observar as leis; promover o bem geral o povo brasileiro; sustentar a união, a integridade e a independência do Brasil”. Bonner dá continuidade a escalada direto de Brasília: “No discurso do plenário da Câmara, a presidente se compromete a erradicar a pobreza e fortalecer a educação e se emociona depois de dizer que tem a mão estendida para a oposição.” Na imagem do discurso no plenário, Dilma reitera: “ A partir deste momento, sou a presidenta de todos os brasileiros”. Bonner em tom alegre e sorridente anuncia, apoiado pelas cenas de Dilma e sua filha saudando o povo, e de Dilma discursando: “A chuva pára e aí, sim, Dilma Rousseff consegue saudar o público no caminho do Palácio do Planalto. Já com sua faixa presidencial, ela reafirma um discurso de conciliação e sem rancor.” Bonner repete o “gancho” da atuação feminina no discurso: “No ministério novo, a maior presença feminina da história da República.” Nos primeiros 90 segundos da escalada, o

⁸ A suspensão momentânea do som atuou como elemento de persuasão do público.

editorial do *JN* projetou a figura da nova presidente e, principalmente, ao fazê-lo explorou alguns de seus atributos e, mais uma vez, a questão do gênero e o apelo à emoção. Pode-se considerar que os enquadramentos presentes no texto do telejornal correspondem a interpretações do fato político “posse presidencial”, e foram utilizados para dar sentido e ênfase ao fato e atribuir valores aos atores em questão.

A construção da narrativa noticiosa, que oferta ao telespectador um recorte da realidade, é produzida institucionalmente, de acordo com a linha editorial da emissora, e manifesta, teoricamente, o mais relevante do recente passado no tempo presente, conforme cita Alfredo Vizeu:

“É no trabalho da enunciação que os jornalistas produzem discursos. E é no interior do próprio processo discursivo, por meio de múltiplas operações articuladas pelos processos da própria linguagem, que a audiência é construída antecipadamente.” (VIZEU, 2003, p. 2)

A última chamada anunciada por Bonner destacou a despedida do ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva: “Depois de oito anos de mandato, Luis Inácio Lula da Silva desce a rampa, é abraçado pelo povo e emocionado deixa Brasília como ex-presidente.” As imagens apenas reiteram a narração do editor do JN. Lula desce a rampa, aparece entre o povo com bandeiras vermelhas, subindo a porta do avião, e da janela do piloto da aeronave acena para a multidão.



Figura 1. Lula e Dilma descem a rampa



Figura 2. Lula é homenageado pelo povo



Figura 3. Lula embarca de volta para o ABC



Figura 4. A bordo, agora, como ex-presidente

A apresentadora Fátima Bernardes chama, da bancada: “Veja também: 24 governadores tomam posse. As festas da chegada do Ano Novo no Brasil e no mundo. E o lançamento da logomarca da Olimpíada de 2016. Agora, no *Jornal Nacional*”. Depois



da fala, outros 17 segundos de cenas da posse de Dilma rodam ao som da vinheta do *JN* até que a jornalista inicia a apresentação como única âncora em estúdio naquela noite. Ao fim, a escalada, que consumiu 2 minutos do telejornal, teve 90% do seu tempo ocupado com chamadas e imagens que deram ênfase à figura da nova presidente, sendo que apenas 10 segundos foram dedicados às chamadas de outras matérias.

Antes de darmos continuidade as chamadas proferidas, é necessário dizer que, a mudança de imagens realizada logo na abertura funcionou, ao mesmo tempo, como elemento de persuasão de modo duplo: informou o início do programa e capturou a atenção do espectador possivelmente distraído. A abertura de treze segundos teve a missão de narrar as principais passagens da cena política e revelar ao telespectador todas as honras concedidas à nova estadista e também quem eram os personagens políticos e demais presentes na solenidade. Dilma foi exibida ao lado de políticos, família e povo, todos os personagens importantes.

É fácil perceber a ancoragem, logo nas primeiras falas. Sabe-se que a ancoragem está presente no universo jornalístico e é utilizada de recurso chave na edição tanto na cobertura política como no modo da emissora se exponibilizar, de modo endógeno⁹, no referido programa jornalístico. Este recurso lingüístico Barros (2002) explica:

“É o procedimento semântico do discurso por meio de que o sujeito da enunciação “concretiza” os atores, os espaços e os tempos do discurso, atando-os a pessoas, lugares e datas que seu destinatário reconhece como “reais” ou “existentes” e produzindo, assim, o efeito de sentido de realidade ou de referente”. (BARROS, 2002, p 84)

Na edição que analisamos a ancoragem perpassa os assuntos do telejornalismo. Fátima Bernardes noticia o programa dominical *Fantástico* “As invenções mais extraordinárias que vão mudar nossas vidas no futuro são destaque no primeiro *Fantástico* de 2011”. A dupla de apresentadores do *Fantástico*, Zeca Camargo e Patrícia Poeta, tem inserção no *Jornal Nacional* para dar boa noite aos brasileiros, desejar feliz Ano Novo, falar das invenções e de mais dois quadros: um com Dr. Dráuzio Varela, conhecido do público que iria falar a respeito de Aids e outro, com história de amor. Ao todo, um minuto e quarenta segundos do telejornal foram destinados para a publicização do *Fantástico*.

⁹ Já faz algum tempo que a TV Globo aproveita a audiência aferida em determinados programas para apresentar novos programas ou realizar chamadas de assuntos a serem abordados.



Figura 5. JN convida ao vivo para o Fantástico

A primeira mulher eleita, como fez questão de destacar o telejornal, foi mostrada dando os primeiros passos sobre um tapete vermelho, que simboliza nobreza e poder. Na seqüência, tiros de canhões e, novamente, a imagem da Presidente ao lado de políticos também foi mostrada ao lado de um guarda dos Dragões da Independência, no carro oficial junto com a filha, subindo a rampa do planalto ao lado de Michel Temer, seu vice, e também ao lado do ex-presidente Lula. O povo também foi contemplado pelas câmeras da emissora, filmados junto de bandeiras vermelhas que nominaram o partido político vitorioso e, para fechar as imagens e a abertura, Dilma aparece abraçando o presidente Lula.



Figura 6. Dilma recém empossada presidente



Figura 7. Acompanhada pelo Guarda



Figura 8. No trajeto, com a filha Mônica



Figura 9. Rumo à entrega da faixa presidencial



Figura 10. Uma multidão testemunha a posse



Figura 11. O abraço dos companheiros de luta



Narratividade e performance

Fátima Bernardes recebeu os telespectadores com a notícia que todos já sabiam: "Boa noite, às 3 da tarde, Dilma Roussef assumiu formalmente a Presidência do Brasil". Colada a principal notícia da noite complementou: "Esse dia histórico é o destaque do Jornal Nacional que Willian Bonner apresenta ao vivo de Brasília". Neste momento fica claro ao telespectador o deslocamento de Bonner que, não deixa de atuar como apresentador do jornal, e continua revezando a apresentação das notícias. Duas espacialidades foram postas, lado-a-lado, para garantir a exibição do programa. A apresentadora, do Rio de Janeiro, com outras informações, julgadas importantes que contemplam o cenário nacional – e também da Globo, como veremos no decorrer do artigo - e Willian Bonner, de Brasília, com a cobertura realizada em torno da posse.

No que tange à posse da Presidente Dilma, a sequência de assuntos apresentados tenta formar uma atmosfera persuasiva, levando o telespectador a sentir-se, mesmo que virtualmente, partícipe da notícia, o tão aguardado momento de posse e transmissão de cargo. O editor-chefe do jornal saiu da bancada especialmente para cobrir o evento. O deslocamento de Bonner já mostra a notoriedade do fato, porém, a atuação do jornalista vai além. Na tentativa de dar mais crédito ao *JN*, a toda cobertura realizada e à dinâmica envolvida, o próprio editor se tornou actante do telejornal durante toda edição. Com desenvoltura assumiu vários papéis: editor, apresentador e repórter.

Foi com o "saber fazer" do jornalista, mais especificamente do repórter, que ele viveu o momento político e, ao mesmo tempo, creditou ao *Jornal Nacional* e, conseqüentemente, à Rede Globo, competência na medida em que reforçou, com declarações, o compromisso dos jornalistas, dos demais profissionais envolvidos e das emissoras afiliadas.

Em várias passagens ele atribui a própria presença, em Brasília, por ser um momento importante. "De volta a Brasília, ao vivo, nesta edição especial do *Jornal Nacional...*" ou "É um trabalho especial, porque o dia é especial". E em momento chave do jornal, durante dois minutos, depois de ter transmitido parte significativa do que aconteceu durante o dia, na principal arena política do país, ele arrisca apresentar uma prévia de *making of* ao revelar aos telespectadores um pouco da mecânica da profissão. Isso pode ser constatado quando Bonner profere o número de profissionais envolvidos nas transmissões, o horário em que os trabalhos foram iniciados.



"Uma cobertura jornalística desta importância exige uma estrutura imensa que talvez você nem imagine. Aqui na Globo as notícias do Distrito Federal que você recebe na sua TV são o trabalho dos profissionais da Globo Brasília entre jornalistas e técnicos de todas as áreas, são mais de 240 pessoas. Mas num dia como hoje esse time é reforçado. De São Paulo e do Rio de Janeiro vieram pra cá mais de 40 profissionais. Foram chegando na quarta-feira, quinta, na sexta. Eu fui um dos últimos. Hoje de manhã para poder vir do Rio de Janeiro para Brasília, sem deixar de apresentar o Jornal Nacional de ontem o meu meio de transporte foi o mesmo que levou a equipe do repórter Ernesto Paglia a todos os Estados brasileiros no ano passado, no projeto JN no ar".

O jornalista refere-se ao avião, meio de transporte disponível ao telejornal, que traria mais agilidade na busca da notícia, na cobertura dos fatos. Bonner, em sua declaração, acaba por enaltecer seu papel no telejornal. Afinal, ele não poderia se ausentar da bancada na noite anterior. Assim, para fazer seu papel, sem que fosse substituído, ou fosse necessário embarcar num avião comercial doméstico foi necessário vir de aeronave *JN*. Ele justifica:

"A Fátima já explicou ontem que em 2011 este avião vai estar com a gente o ano inteiro. Eu, a Fátima e outros colegas de várias redações da Globo, como o André Luiz Azevedo vamos voar pelo Brasil e pra fora do Brasil, vamos voar para trazer a notícia pra perto do telespectador. É um ganho de agilidade, né André?"

O saber fazer, no jornalismo, pode ser aferido pelo seu resultado final, o produto do trabalho jornalístico, ou seja, a matéria veiculada que chega ao público. Porém, na medida em que o telejornal decide mostrar toda a movimentação técnica em torno da projeção das imagens e, em parte, do fazer notícia, mostra que existe um "saber fazer", para que tal cobertura pudesse ser apresentada do modo e da forma que foi veiculada. Percebe-se que o jornal, feito também por sua equipe técnica e sustentado pela emissora ao qual pertence, detém capacidade de performance, que pode ser traduzida em competência. Segundo Fiorin (2002 p. 23) "na fase da competência, o sujeito que vai realizar a transformação central da narrativa é dotado de um saber e/ou poder fazer".

No caso da edição que analisamos demonstra-se competência de várias formas. Com relação às matérias produzidas tendo como foco a posse da Presidente todas foram elaboradas de modo exemplar tendo em vista as características do suporte mediático e também vai se ajustar ao "efeito de realidade", que articula temas explorados a nomes e fatos de conhecimento das pessoas¹⁰. O que fica claro na edição é que o "fazer

¹⁰ Aumont (2004) explica que o efeito de realidade será mais ou menos completo, mais ou menos garantido, conforme a imagem respeite convenções de natureza plenamente histórica. (AUMONT, 2004 p. 111). A matéria apresentada pela repórter Zileide Silva, com imagens de Emerson Soares, a respeito da despedida de Luiz Inácio Lula da Silva, serve de ilustração para o efeito de realidade evocado com elementos da cena política. Durante três minutos ela narra o dia em que Lula, um dos presidentes mais populares da história brasileira, deixa o cargo máximo do executivo. Na reportagem, o trajeto de Lula do Palácio da Alvorada, residência oficial do ex-presidente durante oito anos, e a fala de turistas



jornalismo”, a estrutura por traz das câmeras também virou notícia, lado-a-lado do grande evento político e do novo ano que iniciava.

Arquitetura da cobertura Brasília

A sistemática de produção do telejornalismo prevê - assim como acontece em outros meios – que, em consonância com os critérios de noticiabilidade, o editor selecione as pautas a serem executadas pelos repórteres, porém, em um tempo mais exíguo. Na edição analisada, o critério maior para a seleção das pautas parece ter sido o ineditismo. O discurso do *JN* é permeado por expressões e frases que resumem e reiteram a singularidade da data: “A primeira mulher assume a presidência”; “Um dia histórico”; “O dia é especial” e “Ao vivo”.

Fernando Reyes Matta (1981, p.42) apud Vizeu (2011) afirma que “o estudo dos valores/notícia na América Latina toca numa questão ainda não analisada com profundidade: as motivações políticas, culturais e sociais que gravitam sobre quem seleciona a informação”. Na edição em análise fica exposta, sobretudo, a motivação política como critério de noticiabilidade.

O primeiro bloco do jornal, de duração de 14 minutos, abriu com uma reportagem especial, de Delis Ortiz, de onze minutos, relata as cenas da posse de Dilma Rousseff em um texto que exalta a protagonista, costura os diferentes momentos do dia e chama a atenção para a participação de figuras femininas no enredo:

“Passava das duas da tarde quando Dilma Rousseff saiu para seu primeiro compromisso do ano. O comboio deixou a residência oficial da Granja do Torto e percorreu 21 quilômetros debaixo de chuva. Doze motoqueiros da Polícia Rodoviária Federal faziam escolta, seis eram mulheres. Pelo caminho, olhares curiosos, indiferentes ao tempo. Quando Dilma chegou à Catedral ainda chovia forte. O povo agitado tentava se aproximar. Um dos cavalos dos dragões da independência teve que ser controlado. Protegida por guarda chuva, ela embarcou no Rolls Royce Presidencial e seguiu desfile, cercada por seguranças, mulheres, na companhia da filha, Paula, sorriu e acenou. A chuva também impediu que ela subisse a rampa do congresso. Dilma desembarcou na entrada coberta do prédio. Às duas horas e trinta e nove minutos Dilma Rousseff concluiu o trajeto para o ato mais importante deste dia histórico, como manda a Constituição: tomar posse como a primeira mulher presidente do Brasil no plenário do Congresso Nacional. Sem a presença de seguranças, Dilma teve

curiosos. A repórter de política narra com detalhes, apoiada pelas imagens, o passo a passo do ex-presidente, a entrega da faixa à presidente Dilma Rousseff, os momentos de emoção que Lula vive ao transmitir o cargo, as quebras de protocolo do primeiro de janeiro de 2011. O telespectador ainda vê nas imagens a reação do povo, que pede e chama pelo ex-presidente. Ele se aproxima dos populares, abraça, beija e chora. Agradece à equipe de seguranças e posa pra foto. Nos detalhes descritos pela repórter Zileide, na fala dos personagens entrevistados, que aguardavam por Lula, ela mostra a acalorada despedida. Como complemento à matéria, Fátima, da bancada, chama um *stand up* ao vivo com o repórter Alan Severiano, que acompanha a festa de boas vindas preparada para a chegada do ex-presidente Lula em São Bernardo do Campo (SP).



dificuldade para caminhar dentro do plenário. Foram muitos cumprimentos, entre 1400 convidados, Dilma Rousseff leu o compromisso de posse. O vice, Michel Temer, fez o mesmo juramento. Estavam empossados.[...]

Nos detalhes descritos no texto é possível observar que a reportagem de Delis Ortiz atenta para algumas das regras de compreensão do telejornalismo como clareza e precisão. A reportagem se converte quase um curta metragem didático sobre o a posse de Dilma: o texto não só se apóia nas imagens como também as traduz. Sabe-se que tal técnica empregada se justifique pela preocupação premente: o telespectador só vê/ouve uma vez. A estrutura da reportagem se constituía em uma amostra da política editorial da Rede Globo: apoiadora e não conflitante ao governo que se iniciava.

Ainda no primeiro bloco, Bonner chama ao vivo o repórter Júlio Mosquera que acompanha em Brasília o show da posse de Dilma na Praça dos Três Poderes. Nesta passagem, muito mais importante do que o fato por si só, ganha destaque mais uma vez o apelo à figura feminina, reiterado no discurso noticioso: “No palco, montado em frente ao Superior Tribunal Federal, só cantaram mulheres das cinco regiões do país para celebrar a diversidade cultural e, é claro, para homenagear a primeira presidente eleita no país”, conta o repórter Júlio Mosquera em link com Bonner e ao vivo para o telespectador. A linha editorial da Rede Globo e do *JN* compra a idéia do ineditismo baseado na questão de gênero, de maneira que o discurso jornalístico explora, aborda essa singularidade da presença feminina em todas as oportunidades. Depois de apresentada a posse na capital federal em matéria de onze minutos, Fátima, da bancada, anuncia a matéria de Roberto Paiva, que consome um minuto e vinte segundos do bloco, e mostra a festa da virada de São Paulo.

A agenda de Dilma em sua posse abre também o segundo bloco com matéria sobre a presença de líderes estrangeiros: presidentes e primeiros ministros de países do mundo todo estiveram na posse. A reportagem de Geiza Duarte informa que no dia seguinte (02/01) nove delegações estrangeiras se reuniriam com a presidente para discutir relações e interesses. Tal notícia é complementada pelo *stand up* ao vivo de Claudia Bomtempo, que estava ao vivo em frente ao Palácio do Itamaraty, onde a presidente recebia cumprimentos de autoridades nacionais e estrangeiras.

O *link* ao vivo usado várias vezes durante a primeira edição de 2011 do *JN* não se justifica pela perspectiva da carga informativa e da novidade. A opção pelo uso do recurso é muito mais balizada pelo interesse em gerar no telespectador a sensação do



acontecimento em tempo real, como se o jornal estivesse sendo produzido na íntegra ao vivo no intuito de despertar a noção de: “*JN* no ar, agora pra você.”

Ainda no segundo bloco os fogos de artifício da virada, as comemorações no Brasil e no mundo. Fátima conduz nota coberta, de 50 segundos, sobre as contagens regressivas e os espetáculos em várias cidades brasileiras: Fortaleza, Salvador, Porto Alegre e Florianópolis. Em seguida, Ricardo Soares apresenta matéria especial, de um minuto e 15 segundos sobre a festa da virada na praça centenária de Belo Horizonte. Giuliana Morrone, de Nova York, resume em nota coberta as festas em Londres, Amsterdam, Paris, Berlim, e claro, na agitada metrópole americana, em um minuto e 20 segundos. Em seguida, Fátima anuncia fatos motivados por movimentos religiosos: nota coberta sobre ataque à igreja cristã Kopta no Egito e matéria de Neide Duarte, com 50 segundos, sobre encontro de evangélicos que pediu paz em São Paulo no primeiro dia do ano.

O terceiro bloco do jornal¹¹ é dedicado à repercussão da posse dos governadores eleitos, já que “muitos tomaram posse logo nas primeiras horas da madrugada” como cita Fátima ao chamar a reportagem de César Menezes. Em seguida, Bonner, de Brasília, anuncia a matéria sobre a equipe de ministros que assumiu naquele dia, e destaca que “na escolha dos nomes é possível notar a marca da primeira mulher presidente do Brasil”. A matéria de Cristina Serra traz o novo desenho dos ministérios. A matéria não dá conta de revelar o nome de todos os atores políticos. Afinal, não havia tempo para isso.

¹¹ “Uma festa atrás da outra. No Acre, a cerimônia foi marcada para depois da queima de fogos. O governador Tião Viana, do PT, queria ver Lula passar a faixa presidencial a Dilma Rousseff. Pelo mesmo motivo, as posses de Camilo Capiberibe, do Amapá, do PSB, e de Roseana Sarney no Maranhão. No Tocantins teve confusão. O ex-governador, Carlos Gaguim, do PMDB, deixou a faixa com um cinegrafista. Ela acabou sendo entregue ao novo governador, Siqueira Campos, do PSDB, por estudantes. O governador de Sergipe, Marcelo Déda (PT), levou o filho Matheus para a cerimônia. Ao nascer o bebê passou 20 dias na UTI. No mesmo horário em que Dilma Rousseff recebia o cargo de presidente em Brasília, o governador reeleito de Minas Gerais, Antônio Anastasia, do PSDB, era empossado. No Rio de Janeiro, o governador reeleito, Sérgio Cabral, do PSDB, classificou a violência no estado como uma página virada e lembrou o jornalista da TV Globo assassinado no Rio: Tim Lopes. Em São Paulo, as cerimônias de posse e transmissão de cargo ao governador do PSDB, Geraldo Alckmin, duraram quatro horas. Este é o momento simbólico da cerimônia. Depois do discurso, Geraldo Alckmin e Alberto Goldman saem por alguns minutos do auditório. O governador vem se despedir do ex-governador na porta do Palácio dos Bandeirantes...”



Considerações Finais

A cobertura da posse de Dilma Rousseff, elaborada pelos repórteres que participaram do primeiro programa do Jornal Nacional deste ano deixa claro o empenho da equipe de jornalistas em articular matérias de modo claro e sequencial, condizentes ao meio a que se destinam: a televisão. Neste sentido, ao telespectador foi oferecida uma sequência de acontecimentos, amarrados de tal modo, que possibilitou ao telespectador a sensação de participe do momento político vivido.

A edição do jornal que foi costurando os momentos políticos que aconteceram em Brasília também com outras notícias, posses dos governadores, e festas de réveillon, mas sem deixar de lado a política da emissora de se fazer vista, de convidar o telespectador a assistir outros programas. Deste modo, o *Jornal Nacional* noticiou a própria emissora bem como deu “ares de notícia” a produção envolvida na cobertura de Brasília, enaltecendo o próprio trabalho.

É importante sublinhar que, a perspectiva assumida pelo *JN* omite na edição especial do primeiro dia do ano, a invisibilidade e o pouco espaço destinado às mulheres no jornalismo político¹². A presença restrita e quase silenciosa das mulheres neste tipo de noticiário deve-se a um conjunto de fatores como o pouco interesse delas na participação política e a concentração de poucas lideranças em cargos importantes de partidos políticos, instituições e organizações da sociedade civil.

Contudo, ao enfatizar a questão do gênero na cobertura da posse presidencial, o *JN* preferiu privilegiar os estereótipos femininos, sobretudo no que se refere as representações do papel de mãe (a presença filha da presidente petista nas imagens da posse), a emoção (o choro e a afetividade durante o discurso e o evento em si) e a corporalidade (comentários sobre a vestimenta e aparência física).

Em detrimento dos estereótipos masculinos já abordados durante a cobertura de toda a campanha presidencial, podemos elencar como elementos deste tipo de representação o enfoque dado à participação política de Dilma Rousseff na luta contra o regime militar, a competência e formação técnica na área econômica, e a forma

¹² As relações entre gênero e política foram estudados por Flavia Biroli (2010), tendo como foco a visibilidade e participação na vida pública e suas representações nos noticiários políticos de revistas semanais, a autora destaca alguns elementos para a compreensão da pouca visibilidade das mulheres na mídia política.



“durona” de condução do seu trabalho no Ministério e na Casa Civil durante o Governo Lula.

Cabe notar, que, ainda durante a campanha eleitoral a presença simbólica de um homem forte e popular, o então presidente Lula, atuou como base de sustentação de confiabilidade e competência à imagem de Dilma, reforçando e atribuindo elementos do gênero feminino “Mãe do PAC”, vinculados à competência própria da representação masculina, de gestão eficaz e atuante nos problemas do povo brasileiro.

Pode-se considerar que, por um lado, o texto jornalístico do JN ao enfatizar a questão da representação feminina articulou o gênero masculino como o suporte para a ascensão e concessão do espaço político à mulher. Apesar de ocultar a quase invisibilidade diária das mulheres no noticiário político, a cobertura da posse presidencial faz crer que, a partir daquele momento, a voz e a presença das mulheres se fará de outra forma.

Tal correspondência parece ignorar a complexidade dos obstáculos e dificuldades da presença feminina nos espaços de poder na sociedade brasileira, sobretudo no tocante ao acesso a cargos políticos relevantes, a desigualdade de funções e remuneração no mercado de trabalho e também na própria vida social, no que tange aos elevados números de violência contra as mulheres.

Ao não mencionar questões fundamentais para a representação feminina na política, o JN privilegia e dá visibilidade ao discurso “gênero” num momento específico e efêmero, a posse presidencial de uma mulher. O JN faz crer que, a partir deste momento, a representatividade e o espaço cedido às mulheres na participação política serão maiores, principalmente quando destaca a composição feminina dos Ministérios e mesmo do evento posse. A cobertura desconsidera a questão da representatividade política, pois sabe-se que, a ascensão de uma mulher a presidência da República não resultará num cuidado especial ou políticas públicas que privilegiarão esta fatia da população, há outras questões de cunho e interesse dos diversos atores que participam da cena política.



REFERÊNCIAS

BARROS, D.L.P. Teoria Semiótica do Texto. São Paulo: Ática, 2002.

BIROLI, F. Gênero e política no noticiário das revistas semanais brasileiras: ausências e estereótipos. Cad. Pagu no.34. SP: Campinas. jan./jun. 2010.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2002.

MUNEIRO, L.C. **A construção do herói nacional e as características das suas mediações**. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Comunicação e Semiótica, 2010.

CUNHA, P.J. **A audiência do JN caiu. A da TV também**. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a-audiencia-do-jn-caiu-a-da-tv-tambem>> Acesso em: 11/07/2011.

FELTRIN, R. **Jornal Nacional perde mais Ibope em 2010**. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ooops/ultimas-noticias/2010/05/03/jn-perde-mais-ibope-em-2010.jhtm>> Acesso em: 11/07/2011.

VIZEU, A. **A produção de sentidos no jornalismo: da teoria da enunciação à enunciação jornalística**. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3241/2501>> Acesso em: 14/07/2011

VIZEU, A. **Decidindo o que é notícia. Os bastidores do telejornalismo**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-decidindo-noticia-tese.html>> Acesso em: 13/07/2011

Jornal Nacional Escalada 01/01/2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ztRoQETvgBI>> Acesso em: 20/06/2011

Jornal Nacional 01/01/2011 Parte 1. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=C0U9Xasgo2k>> Acesso em: 20/06/2011

Jornal Nacional 01/01/2011 Parte 2. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=V9PHJ8hLmUc>> Acesso em: 20/06/2011

Jornal Nacional 01/01/2011 Parte 3. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=D4xisW_QGz4> Acesso em: 20/06/2011

Jornal Nacional 01/01/2011 Parte 4. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=OMIKC07MQ9U>> Acesso em: 20/06/2011